



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Fevereiro

TALVEZ nunca a estação invernososa no nosso paiz se assemelhasse tanto á esplendida quadra da primavera, como este anno desde o seu inicio até ao meado da primeira quinzena de Fevereiro. Com rarissimas excepções, dias e dias de um sol brilhante, um ceu diafano que nem sequer uma nuvem ensombrava, uma viração suave e uma temperatura ligeiramente tépida, noites luarentas ou estrelladas, serenas e agasalhadoras, lembrando as mais bellas noites de estio, tal foi o mês de Janeiro ultimo tão differente dos Janeiros que o precederam até onde a memoria logra alcançar. Mas já no principio do corrente mês o inverno se approximava em rapida carreira e annunciava a sua chegada com os primeiros ventos frios e as primeiras chuvas brandas e intermitentes próprias desta epocha.

No dia treze de madrugada fez elle a sua entrada solemne, com toda a pompa e magestade. A viagem a Fátima nestas condições de tempo, singularmente desfavoráveis, torna-se uma verdadeira e forçada peregrinação de penitencia. O frio, o vento e a chuva atormentam impiedosamente os romeiros que fazem a pé tão longo percurso ou que usam de vehiculos pouco confortaveis, desde o classico jumento até ao trem aberto e ao descommunal *char-à-bancs*. O nosso carro, depois de ter transposto a serra numa interminavel e penosa travessia feita em grande parte durante a noite, chegou ao local das aparições pouco depois das nove horas da manhã. A penitencia que o Ceu nos impunha e que resignadamente tivemos de aceitar, juntámos, como de costume, a recitação meditada dos quinze mysterios do Rosario. Presidiu a esse acto de devoção para com a Santissima Virgem o rev. João Nunes Ferreira, parochio de S. Pedro, em Torres Novas, sacerdote tão respeitavel pelas suas excelsas e acriso-

ladas virtudes como pelo zelo, desinteresse e abnegação com que prodigalisa vida, saúde e fortuna nos seus multiplos e variados trabalhos apostolicos e de um modo particular na formação christã da mocidade confiada á sua sollicitude pastoral.

Os servos de Nossa Senhora do Rosario, vulgarmente conhecidos pela designação laconica mas expressiva de *servitas*, dão immediatamente inicio a essa hora, aos trabalhos da sua instituição. Organizam o serviço de ordem junto da capella, do altar das missas e da fonte do local das aparições e transportam os enfermos, alguns, cujo estado é mais grave, em macas, para a esplanada, em frente do altar, á medida que estes vão chegando junto dos muros do recinto do santuario. Semelhante trabalho é tanto mais difficil e penoso, e por isso tanto mais digno de apreço e louvor quanto é certo que desta vez teve de ser realizado por um tempo desagradavel e sobre um terreno escorregadio e lamacento. Entretanto as missas succedem-se umas ás outras ininterruptamente, celebradas por numerosos sacerdotes préviamente inscriptos, e, emquanto se celebram, reza-se o terço, entoam-se diversos canticos religiosos de character popular e fazem-se invocações em favor dos enfermos que, collocados em filas em numero de cem approximadamente, occupam uma grande parte da esplanada.

Ao meio-dia e meia hora official começa a ultima missa, a chamada missa dos enfermos, que é sempre applicada pelos peregrinos effectivos e de desejo, e especialmente pelos enfermos presentes e ausentes que quizeram mas não puderam vir. Esta missa, embora simplesmente rezada como todas as outras que a precedem, é todavia rodeada de maior apparato externo, de mais pompa e solemnidade. Antes de principiar é cantado o Credo de Dumont por um côro unisono exclusivamente formado de sacerdotes.

Durante a missa o terço é recitado do alto do pulpito alternadamente com o povo pelo rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, distincto professor de sciencias ecclesiasticas no Seminário de Leiria.

A actividade que este sabio e virtuoso ecclesiastico desenvolve no exercicio das suas funções de capellão-director dos *servitas* é verdadeiramente assombrosa, multiplicando-se, por assim dizer, a sua pessoa para attender a tudo e a todos com uma paciencia inexgotavel e uma caridade extremamente delicada, constante e quasi heróica. De vez em quando entoa-se um cantico e fazem-se invocações pelos enfermos. A medida que se aproxima o momento solemne da consagração, o silencio, que desde o principio da missa é profundo naquela assistencia de mais de duas mil almas, parece tornar-se ainda mais profundo, o recolhimento augmenta e a piedade é mais viva, mais sentida e mais communicativa. O *Bendito*, cantado durante a Comunhão, põe naquelle ambiente, saturado de mysterio e de sobrenatural, uma nota encantadora de mystica suavidade.

Após a missa realisa-se uma das cerimoniaes mais commoventes a que é dado assistir sobre a terra e que só em Lourdes e em Fátima tem logar: a cerimonia da benção do Santissimo Sacramento aos enfermos. As lagrimas assomavam espontaneamente aos olhos dos enfermos e de grande numero de assistentes.

Jesus, o divino e misericordioso rei de Amor, occulto na Hostia Santa, derrama invisivelmente copiosas graças sobre todos, dispensando confortos espirituales e allivios corporaes aos membros padecentes da egreja militante que alli vão implorar, cheios da mais viva confiança, a caridade infinita do coração sacrosanto do celeste Samaritano.

Por fim é dada a benção geral a toda a assistencia. O rev. dr. Marques dos Santos, por ter faltado o orador que devia prégar o sermão, faz, num feliz improviso, uma prática substanciosa sobre o arrependimento e emenda dos peccados, que calou profundamente nas almas dos ouvintes. Estes, terminada a prática, põem-se a caminho dos seus lares distantes, levando nas suas almas crentes e piedosas, uma nova reserva de energias sobrenaturaes para a lucta com as paixões, cujas desordens tantas almas arrastam ao peccado e á

morte eterna, e uma recordação saudosissima dos momentos unicos e ineffaveis que tiveram a ventura de passar naquella estancia consagrada pela presença e pelas benções da augusta e gloriosa Rainha do Santissimo Rosario.

V. de M.

As curas da Fátima

«Rev.^{mo} Sr.

Vou comunicar-lhe uma coisa (o que devia ter feito ha mais tempo), que julgo ser um verdadeiro milagre operado pela intercessão da Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Tinha uma *lesão cardiaca que muitas vezes me poz ás portas da morte*. Não podia dormir e não comia. O meu verdadeiro alimento era só leite. Nada me fazia bem. Durante muito tempo cada dia me deitavam mais de vinte ventosas, vindo ás vezes o meu médico deitar-me pontas de fôgo. Qualquer pequeno esforço me cançava muito. Emfim julguei-me muitas vezes perdido. Lembrava-me que se eu fôsse a Lourdes encontraria melhoras porque ouvia dizer que a Virgem Santissima Nossa Senhora da Conceição lá operava muitos milagres, mas como as minhas forças m'o não permitissem, elevava muitas vezes lá o meu pensamento. Depois d'isto comecei a ouvir falar que a Santissima Virgem do Rosario, tinha aparecido em Fátima num lugar chamado a Cova da Iria, a tres humildes creanças, nos dias 13 de cada mez, desde Maio a Outubro consecutivos. Passado algum tempo encontrei aqui um homem que andava vendendo imagens que, segundo ele me disse, tinha sido o sr. Visconde de Montello quem as mandara imprimir e tinham uns versos nas estampas que muito me agradaram.

Puz-me a meditar, no que os versos diziam e pedi á Virgem Santissima que me aliviasse da minha enfermidade, prometendo-lhe que todos os dias resaria ao menos um terço e de lá ir assim que as minhas forças m'o permitissem.

Depois da minha promessa feita fui melhorando e lá fomos eu e minha mulher em 13 de Maio de 1923 e em 13 de Outubro de 1924, esperando ir as vezes que puder e as minhas forças permitam, pois que só Deus Nosso Senhor e a Santissima Virgem sabiam o meu sofrimento.

Hoje não tomo medicamentos, não levo ventosas nem pontas de fôgo, como qualquer comida e nada me tem feito mal, o que tudo agradeço á Santissima Virgem.

Quando fui pela primeira vez á Fátima, fiquei encantado ao ver ali tanta gente e dizia para comigo: quem é que aqui traz tanta gente se não a Virgem Santissima? Mais viva se tornou, pois, a minha crença, mas nada verifiquei de extraordinario em 1923. Em 13 de Maio de 1924 vi os phenomenos solares e sucessos maravilhosos e não posso já mais esquecer os felizes momentos que naquele lugar privilegiado passei.

Aqui ha mezes lêra eu no nosso querido jornalzinho que uma creatura

dizia que bom seria formar-se uma comissão de competentes para melhor estudar estes phenomenos maravilhosos que algumas pessoas afirmam ver e eu desejaria muito ser ouvido e mais algumas pessoas porque temos motivos bem frizantes para isso visto que a Virgem Santissima tantas vezes os repete e com tanta intensidade.

Termino e para outra vez escreverei sobre a cura de um filho meu.

Faça o uso que entender desta minha carta, que bem desejo seja publicada no nosso querido jornalzinho para honra e gloria da nossa tão terna e carinhosa Mãe.

Desculpe, etc.

Fonte Fria, 6/2/925.

Anibal Matta

«Ex.^{mo} Sr.

Peço a V. Ex.^a para dar publicidade no seu jornal á seguinte carta:

Soffrendo horrivelmente do fígado e do estomago ha 3 annos, e não havendo já nada que me aliviasse as dôres, e estando no ultimo estado de fraqueza, fui aconselhada pelo meu médico a dar entrada no hospital para fazer operação, o que fiz, dando entrada no dia 5 de Maio do anno passado, invocando com muita fé Nossa Senhora de Fátima para que a minha melindrosa operação se fizesse no dia 13 de Maio e que eu ficasse bem.

Graças a Nossa Senhora de Fátima fui ouvida e hoje estou completamente restabelecida.

Quando entrei no hospital fiz uma promessa á Nossa Senhora de ir lá, o que espero cumprir em 13 de Maio d'este anno.

Lisbôa (rua Luiz de Camões, 137, 1.^o), 29 de Janeiro de 1925 — Rita Jesus Ramos.

«Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

Ha um ano que obtive uma grande graça, a cura de meu marido, que estava então gravemente doente; não se poderá talvez classificar de milagre, mas eu tenho a absoluta certeza, que só devo a vida dele a Nossa Senhora da Fátima a quem invoquei durante uma noite inteira. Agora peço-lhe fervorosamente que melhore a vista de minha filha que a tem tão má, que os médicos não a deixam por enquanto aprender a ler, etc.

Maria Margarida Sarmiento Omen Pinto.

«Sr. P.^e Manuel

Tendo tido um filho com uma intercolite e desenganado pelos primeiros especialistas de creanças, tendo o ultimo que o viu dito que ele só poderia viver dois dias, vendo a sciencia abandonar o meu querido doentinho, recorri a Nossa Senhora da Fátima, dando-lhe ao mesmo tempo a beber gotas d'agua que uma minha amiga me tinha dado. Com espanto dos medicos que já o tinham abandonado, a criança começou a sentir alivios e hoje encontra-se de perfeita saúde e os médicos dizem que foi um caso unico na sua vida.

Caso V. Ex.^a queira, pôde fazer uso desta minha carta contando mais este milagre de Nossa Senhora da

Fátima no jornal de que é digno administrador. Envio incluso um donativo para auxilio das obras da Igreja e como gratidão a Nossa Senhora.

J. de C. P.

«Tendo supplicado a Nossa Senhora do Rosario de Fátima uma graça, que obtive, prometi publicar na *Voz da Fátima* o meu agradecimento e tambem enviar uma quantia para o culto de Nossa Senhora.

Muito grato e reconhecido a Maria SS.^{ma} pela graça obtida, cumpro a minha promessa.

Lisbôa, — Rua Gomes Freire, n.^o 137, 1.^o — Affonso de Albuquerque.»

«Obtiveram graças que veem agradecer a N. Senhora do Rosario da Fátima:

José Augusto Pires dos Santos, de Mangualde que tendo um sobrinho com ferimento grave n'um olho, chegando tambem a ser atingido o outro, melhorou rapidamente ficando sem defeito algum, sendo esta a terceira graça (que prometeu publicar) que obtem pela intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

— D. Etelvina das Dôres Wengriken envia um donativo em cumprimento de uma promessa.

— D. Anna Maria Lurine da Silva envia tambem um donativo em acção de graças pela cura de uma sua neia.

— D. Anna de Jesus Lima, de Tendais, em acção de graças pela cura de um panaricio envia tambem um donativo.

«Ana José Galante, de 21 anos, solteira, natural de Murtosa e moradora no Ribeiro, actualmente em Setubal, filha de Manuel Joaquim Soares da Silva e de Maria do Céu Galante, fez o voto de ir em peregrinação a N. Senhora da Fátima se ella lhe dêsse alivio aos seus males. Estava declarada tuberculosa pelos médicos e hoje está completamente curada. Já foi á Fátima em 13 de agosto de 1924 na grande peregrinação de Murtosa e lá deixou a sua esmola que tinha prometido.»

«A D. Florinda da Ressurreição, Ourondo, (Covilhã); — concedeu Nossa Senhora da Fátima uma grande graça.

Padecia ha muitos annos de violentas dôres de estomago. A medicina receitou-lhe varias drogas, mas as dôres eram quasi continuas. Só sentia algum alivio por intermedio dos panos quentes. Agua fria não podia beber. Um dia ouviu ler os acontecimentos da Fátima. De alma e coração se voltou para Nossa Senhora. Prometeu ir pessoalmente agradecer-lhe se tivesse algumas melhoras. Desde essa hora, nunca mais teve dôres, anda de boa saúde, bebe agua fria, come de tudo. Crê no grande milagre de Nossa Senhora.

Foi no dia 13 de Outubro passado agradecer a Nossa Senhora, e tem feito tal propaganda, que para Maio muitas pessoas suas amigos a vão acompanhar, ao Céu da Fátima, como ella diz.»

Uma ave... que não pode cantar

Ahi está ella. . .
E' ella mesma, a Quaresma.
Um tormento que outra vez reco-
meça, o abutre que, no silencio dos
labios lacrados, vae roendo a cons-
ciencia. E' o remorso, que tambem
tem a sua primavera. . . de inferno
para rebentar de novo.
A partir do primeiro de janeiro, o
homem de quem aqui queremos falar,
começa a vel-a despontar no hori-
sonte.
Este homem é como o viajante
que chegou ao cimo d'uma planicie,
que tem de descer para atravessar
uma terra onde credores implacaveis
o espreitam.
Se pudesse passar por outro si-
tio-l. . . Mas o caminho é mesmo pelo
meio, em uma linha inexoravelmente
recta. Se elle pudesse saltar a pés
juntos para além da Páscoa! . . .
Isto, porém, não é possível a nin-
guem. Este tempo da Quaresma e
da Pascoa, tão doce para tantos ou-
tros é para elle uma bebida amargosa
que terá no entanto de esgotar até
às fezes.
Queira ou não queira, dia a dia, é
forçoso atravessar essas, pouco mais
de duas quinzenas, que elle finge
desconhecer mas que a cada momen-
to lhe lembram as suas obrigações!
E' lhe impossivel fechar os ouvidos
pois que o chamamento, o unico, o
grande, o augusto convite chega-lhe
de todos os lados ao mesmo tempo.
E' a mulher que conta com inter-
resse o horario das funções religio-
sas na egreja. . . São os filhos, rap-
pazes e raparigas, que falam uns com
os outros, sobre a *examina* e respecti-
vas *rapozas* e discutem os prega-
dores.
E' o visinho que elle vê caminhar
apressado para a via-sacra e outras
funções da tarde. . . E' o toque mais
frequente dos sinos. E' o mercceiro
que empilha fardos de bacalhau no
estabelecimento recordando a época
santa da abstinencia e do jejum.
O convite, primeiro longinquo,
vae-se tornando mais preciso e as-
sediante.
O homem sente-se atacado por to-
dos os que o amam.
A's vezes faz-se silencio em volta
d'elle, mas esse silencio. . . é po-
voado de olhos que se demoram a
observa-lo. . . Livros piedosos sobre
as mesas. . . Sobretudo a sua cons-
ciencia chama o, implora, grita-lhe:
. . . Se és christão sê-o a valer!
. . . E porque não?
Sabes que tens esse dever, esse
grande dever! . . .
Se estivesse lá, no teu leito de
morte, de certo não recusarias rece-
ber o teu Deus.
Porque é que o recusas hoje?
Tens a certeza de que d'aqui a
um anno serás ainda um habitante
d'este mundo?
Não sabes tu que a Confissão e a
Comunhão são o signal por onde se
conhecem os fieis? *Aquelle que
não come a minha carne e não bebe*

o meu sangue não terá vida em si. . .
Este nome de *fiel* não tem atractivo
para ti? >

Depois da quinzena de convites
vem a quinzena de censuras:
— Passou a Quaresma e tu ficas-
te para ahi como um poltrão!
E's um homem que não é homem.
Um caniço a fingir ferro. Um pae
a quem os filhos não comprehendem.
Um marido a quem tua mulher
quereria estimar tanto! . . .
Não te serve de nada aturdires-te
com as passageiras agitações do
mundo.
Sabes muito bem que caminhas
para alguma coisa. . . que deves
pensar nisso. . . que te deves pre-
parar. . . que não ha nenhum meio
ou formula senão a formula christã,
que é afinal a da tua familia, a da
tua juventude. . . e que ha-de ser
a da tua morte. E essa morte pôde
vir amanhã. . . hoje mesmo.
Agora tira a conclusão e cumpre
o que é o signal supremo do chris-
tianismo!
Ha dois, quatro, dez, talvez vinte
anos que o homem resiste a este
convite. . .
Ha vinte anos que elle se couraça
contra estes remorsos.
Fará o mesmo este anno. . . ?
Tem a impressão de que tudo á
roda lhe faz esta pergunta.
Elle a faz a si mesmo nos raros
dias em que ousa olhar-se de frente.
Sente-se observado. E não pôde
deixar de o ser visto que é amado.
Sabe que se reza por elle.
Para além dos seres visiveis, sente
sobre si os olhares de seres que ha-
bitam o invisivel. . . dos seus mor-
tos, que partiram na paz do Senhor.
Sente-se observado pelo demonio.
Observado por Deus.
O demonio ha vinte annos que é
o vencedor. . . Ha vinte annos que
elle o tem apertado pelas goelas e
não o deixa falar.
Ha vinte annos que elle o paraliz-
ou deixando-o livre só do lado do
mundo.
Ha vinte annos que elle se con-
serva arredado do confessorio ou
de um bom sacerdote que o espera
para o inundar com a absolvição.
Desde então camadas de poeira
se teem accumulado, e, (quem sabe?)
talvez até camadas sobre camadas de
lama!
Esse homem já não é um homem.
Queria ter força de vontade mas
vindo a occasião. . . fica-se.
Como a aranha apanha e paralisa
o insecto envolvendo-o na sua teia,
assim o invisivel Mau o envolveu
em seus laços e como que lhe tirou
a vontade. E quando se passaram
vinte annos sem dizer: «quero» pa-
rece que nunca mais se dirá.
No entanto o demonio não está
tranquillo.
De repente vem um accidente. . .
e ás vezes os prisioneiros fógem.
O mês da Quaresma é o mês da
resurreição e das resurreições.
Quem sabe?

Se esse velho amigo, — tu afinal,
ressuscitasses este anno! . . .

Que alegria cá em baixo entre os
vivos e que alegria lá em cima entre
os mortos!

Tens todas estas alegrias fechadas
na tua mão.

Abre-a pois, abre essa mão e que
se cante este anno o Alleluia. . . es-
te Alleluia que tu sofócas como se
apertasses, a um canario divino, o
pescoço entre os teus dedos crispa-
dos.

As Aparições de Lourdes

VIII

Tendo rezado o terço, Antonieta Leydet
aproxima-se da creança e, dominada pela
ideia fixa de que era Elisa Latapie que
apparecia, apresenta aquella o papel e a
caneta que tinha levado consigo, dizendo-
lhe:

—Pergunta á Senhora se tem alguma cou-
sa a comunicar-nos e, se disser que sim,
pede-lhe que faça favor de o pôr por
escripto.

Bernadette levanta-se, dá alguns passos
para o rochedo e, percebendo que as suas
duas companheiras a seguem, faz-lhes si-
gnal, sem se voltar, para que se deixem fi-
car atraz. Logo que chega ao pé da roseira
brava, põe-se nos bicos dos pés e offerece
á Senhora o papel e a caneta. Depois espe-
ra, na attitude duma pessoa que escuta com
attenção, de olhos fitos na roseira e na
abertura ogival e com os braços sempre er-
guidos. De repente abaixa-os, saúda pro-
fundamente e volta para o seu lugar, tendo
na mão o papel sem uma letra sequer.

Antonieta corre para ella e pergunta-lhe:
—Que respondeu a Senhora?

—Quando lhe apresentei o papel e a tin-
ta sorriu-se, depois, sem se zangar, respon-
deu-me: «O que tenho a dizer-vos, não é
necessario que o ponha por escripto.» Pa-
receu em seguida reflectir por momentos e
acrescentou:

«Quereis ter a bondade de vir aqui du-
rante quinze dias?»

—Que respondeste?

—Respondi que sim.

—Mas porque quere a Senhora que tu
venhas?

—Não sei, ella não m'o disse.

—Mas, observou por sua vez a senhora
Millet, porque nos fizeste signal para que
recuassemos quando ainda ha pouco seguia-
mos atraz de ti?

—Para obedecer á Senhora.

—Ah! acrescentou a senhora Millet in-
quieta, faça o favor de perguntar-lhe se a
minha presença aqui não lhe é importuna.

Bernadette então volve os olhos para o
alto da roseira, escuta um instante, depois,
voltando-se, diz:

—A Senhora responde: «Não, a sua pre-
sença aqui não me é desagradavel.»

A creança ajoelha novamente para orar;
as duas senhoras rezam com ella sem to-
davia a perderem de vista; notam que de
vez em quando Bernadette interrompe a
sua oração e parece conversar intimamente
com a Visão. Mas não percebem nada, não
ouvem nada. Decorre pouco mais ou menos
uma hora e a visão desaparece. Então
Bernadette levanta-se, as duas senhoras
correm para ella, como para uma santa que
acaba de ser favorecida com uma graça di-
vina de predilecção, e dizem-lhe:

—Tu conversaste durante muito tempo
com a Senhora; por ventura não recebes-
te d'ella novas communicações?

—Sim, responde a humilde vidente, e a
expressão do seu rosto traduz ao mesmo
tempo a alegria e a anciedade. Ella disse-
me: «Não te prometto tornar-te feliz neste
mundo, mas no outro.»

—Se a Senhora se digna falar contigo,
porque não lhe perguntas qual é o seu
nome?

—Já perguntei.

—E então quem é?

—Não sei! Ella baixou a cabeça sorrin-
do, mas não me respondeu. A senhora
Millet e Antonieta Leydet reconduziram
Bernadette a casa e disseram com uma vi-
va emoção a Luiza Soubirous, como já dis-
sera a senhora Nicolau:

—Ah! como é feliz por ter uma tal filha!
O escriptor Estrade pedia uma vez a Bernadette que lhe repetisse as palavras exactas desta terceira aparição:

A vidente exprimiu-se nestes termos: «A Senhora disse-me: «Quere ter a bondade...?» E parou de repente a esta palavra para accrescentar, confusa e de cabeça baixa: «A Virgem disse-me *quere!*» Esta particularidade parece-nos altamente suggestiva do respeito da Santissima Virgem por esta creança, de alma muito pura, muito grande deante de Deus, que ella se recusa a tratar por tu. Ella é em verdade a mãe, a rainha e a inspiradora da Igreja catholica que é uma grande escola de respeito. O nosso seculo que pode chamar-se o seculo da falta de respeito, porque os homens não se estimam, desprezam-se, não se saúdam, teem até o habito, o culto das palavras grosseiras e vis, o nosso seculo, digo, deve recolher esta licção dada tão delicadamente e que lhe faz entrever que uma epocha em que os homens deixam de se tratar com respeito perde em breve até o fragil verniz da civilisação e desce a passos rapidos a ingreme ladeira da barbarie.

Notou-se sempre que quando a Santissima Virgem lhe fallava, a creança ouvia distinctamente, ao passo que as suas companheiras não ouviam, assim como não viam nada. Ella explicava mais tarde este phenomeno incomprehensivel dizendo dum modo gracioso e encantador, pondo a mão na região do coração: «Quando a Santissima Virgem me confiava segredos, ella fallava-me *por aqui* e não pelos ouvidos.» Depois, vendo que não comprehendem: «Eu não sei fazer-me comprehender, accrescentava ella com tristeza por não encontrar imagem exacta para exprimir a sua impressão. Imaginem, para todos aquelles que estavam em volta de mim na Gruta, era como se uma pessoa se encontrasse a cem passos de nós; essa pessoa veria perfeitamente que nós fallamos, mas não ouviria o que dizemos». Não seria possivel descrever melhor o que ella sentia, e sem que o suspeitasse, a humilde creança servia-se das proprias palavras da Santissima Virgem na *Magnificat*, ella escutava, ella ouvia com o espirito do seu coração, *mente cordis sui*. Para ella ha um pouco mais de claridade no seu caminho.

Durante as duas primeiras aparições, ella absorveu-se na contemplação da Senhora que approva o que ella faz, lhe sorri e, por occasião da aspersão da agua benta, sorri tambem para todas as pessoas que estão presentes, almas simples e piedosas que a amam filialmente, porque, quanto a ellas, o seu coração suspeitou desde logo que era a Santissima Virgem. Agora ella encheu-se de coragem, ella ousou fallar á Senhora e fazer-lhe uma pergunta infantil, que fez sorrir a Apparição, depois perguntou-lhe formalmente quem era. «A Senhora abaixa a cabeça sorrindo», e não respondeu, mas é claro que a pergunta não lhe desagradou. Todavia Bernadette não insistiu: ella conservava no seu coração essas palavras reveladoras: «Eu não prometto fazer-te feliz neste mundo, mas no outro.»

Ella deve, pois, esperar contradicções, soffrimentos, dôres. Semelhantes provações começarão em breve e não acabarão senão com a sua vida. Dôres intimas sem duvida e que os homens não conheceram na sua totalidade, mas que nem por isso foram menos pungentes. Por isso quantas vezes teve de trazer á memoria aquella promessa suprema, para se consolar nas suas angustias.

(Tr. do francês.) V. de M.

Como se deve amar a Deus

«Na verdade vos digo que aquelle que não receber o Reino de Deus como uma creança não entrará nelle.» Feliz o coração que sabe assim receber e guardar este Reino, onde reina Deus que é o seu Amor!

Comprehendia e praticava este amor perfeito aquella creança que disse ter um amor a sua mãe «grande como estas casas» e ao pae, «grande como estas montanhas», isto é, como os Alpes que estavam na

sua frente, e se elevou a si mesma a toda a altura do espirito e do coração com a resposta dada á seguinte pergunta:

—Visto isso como queres tu amar a Deus?

A creança ficou um instante confusa, pensativa e muda mas depois levantando a sua loura cabeça respondeu:

«Meu Deus, diz ella num tom em que ia toda a sua alma, Deus, eu o amo como elle é.»

«Meu Deus, eu vos amo como o ceu e a terra!» dizia uma creança que depois foi o Padre Chevrier, de santa memoria.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte do n.º 29.	819:500
Duas Filhas de Maria	20:000
Soma	839:500

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	24:178:970
Impressão do n.º 29 (20:000 exemplares)	460:000
Outras despezas	60:000
Soma	24:698:970

Subscrição

(Continuação)

D. Mariana Moreira dos Santos	10:000
D. Maria Candida Teles	10:000
P.º José Machado Ferreira	15:000
D. Elmira da Cruz Côrte	10:000
D. Maria das Dôres Tavares de Souza	10:000
D. Julieta Zenha	10:000
Conde de Agrolongo	10:000
D. Amelia Mesquita de Castro Cabrita	10:000
D. Maria Nobre Simões	10:000
D. Maria da Conceição Alcantara Matheus	10:000
D. Alcinda do Carmo Oeiras	10:000
D. Maria Joanna Bagulho Correia	10:000
D. Adelaide Barroso Tierno	10:000
D. Catarina Bagulho Santana Marques	15:000
D. Maria Severina da Costa Faria	10:000
D. Carolina Cardoso	10:000
D. Maria Augusta Pereira de Lemos e Mendonça	10:000
De jornaes (D. E. Guimarães) José Mendes de Matos	15:000
D. Alda Pinto Rodrigues d'Oliveira	10:000
Candido da Silva Prior	10:000
Viscondessa de Sanches de Baena	10:000
D. Maria Patrocínio de Matos Rásquilho	10:000
Miss Daly	10:000
Marqueza do Funchal	10:000
D. Maria da Conceição Pereira de Lima Caupers	10:000
D. Amelia Augusta Roque	10:000
José de Carvalho Antelo	10:000
D. Adelaide das Dôres Canadas	10:000
D. Maria de Jesus Durão	10:000
Dr. Augusto Coimbra	10:000

De jornaes (Josefa de Jesus)	20:860
P.º João Avelino da Silva	10:000
D. Maria do Socorro Paiva	10:000
D. Maria da Conceição Santos	10:000
José Lourenço Fernão Pires	20:000
D. Maria Ribau	10:000
P.º José Maria Ribau	10:000
D. Rosa Margaça	10:000
Manuel Gaspar Figueiras	10:000
D. Adelaide Augusta Rodrigues Cruz	10:000
D. Piedade Cabral Sá	10:000
D. Margarida Soares Monteiro	10:000
Dr. Antonio Maria Pinheiro Torres	20:000
Dr. Brites Alves Andorinha	10:000
M. da Costa Brites	5:000
D. Maria Rita Pereira da Cunha	20:000
Tiago Abreu	20:000
D. Maria da Conceição Maldonado Pereira	10:000
D. Francisca de Vasconcelos	10:000
D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato	10:000
D. Engracia da Assumpção Covas	10:000
João Luiz Andrade	10:000
D. Gertrudes da Silva Nunes	10:000
D. Maria Adelina Ventura	10:000
D. Maria da Conceição Duarte Silva	10:000
João da Silva Moutela	10:000
Manuel Lourenço dos Santos	10:000
D. Maria Benedicta de Menezes Leite	30:000
D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato	10:000
D. Maria Casimira	10:000
Daniel Antunes	10:000
Francisco Martins	10:000
D. Sebastiana Victor Nogueira	10:000
Dr. Weiss d'Oliveira	20:000
D. Felismina Nogueira Freire	10:000
De jornaes (D. Virginia Lopes)	4:700
D. Maria da Conceição Rino Jordão	10:000
D. Maria da E. Alves de Matos da Costa e Silva	10:000
P.º Antonio Mendes Lages	10:000
D. Maria Gonçalves	10:000
D. Gertrudes Pires Correia	10:000
D. Maria do Carmo Forjaz de Gusmão	10:000
D. Luiza d'Oliveira Xavier	10:000
D. Lucinda Soromenho	10:000
D. Maria da Soledade Nunes	10:000
D. Gertrudes Oliveira Santos Pinto	10:000
P.º Luiz dos Santos	10:000
D. Anna Santos Mauricio	10:000
D. Alzira Vieira	10:000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.